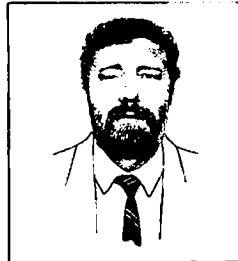


ESTADO DE SÃO PAULO

Pulavra de Rei

31 JUL 1995

Como qualquer outro assunto do nosso tempo, Educação também é algo que vive de imagem. E, já faz algum tempo que a dita imagem do que ainda chamamos de ensino público deste País é a pior possível. Não é preciso mais denunciar, mostrar o caos, exibir o mais recente número da catástrofe pedagógica nacional para provar isso, pelo simples e bom motivo de que todo mundo sabe disso. Basta conhecer as dúvidas de nove entre dez



Pelé está distante de qualquer idéia do "parece mas não é"

atendentes de crediário de lojas sobre financiar ambições de consumo de professores, para se ter idéia de como anda essa imagem da Educação e de seus profissionais. Enfrentar essa situação exige algo mais do que atitudes intramuros da escola e não diz respeito apenas ao quanto ganha um professor de escola pública. Refere-se sim à imagem sobre a escola que estes anos todos de abandono construíram. O poder reservou ao ensino público a hora da promessa, de preferência bem perto da hora do voto. O povo notou o fato e reservou à escola um espectro de fantasma esquecido, quando não de cadáver insepulto que a proximidade das urnas sugere tentativas de ressurreição. Qualquer um é capaz de perceber

a necessidade de anarrar à idéia de escola pública uma imagem de sucesso, de absoluto sucesso de preferência. Quem entre nós tem essa imagem mais garantida do que o "Rei Pelé"? Quem entre nós tem mais a "marca da eficiência" do que ele?

Na incursão radiofônica desta semana o presidente Fernando Henrique "entrevistou" o ministro extraordinário dos Esportes que, depois de lembrar sua participação na abertura dos Jogos da Juventude —

20 Estados disputando medalhas, no estilo de sempre — prometeu para 96 a primeira versão dos *Jogos das Escolas Públicas*. Depois da promessa Pelé foi adiante: lembrou sua Educação nessa escola e insinuou que estes jogos vão promover "o renascimento dos grêmios estudantis". A idéia é boa e pode fazer muito pelo ensino público em especial se não for tratada, apresentando tais jogos como os famosos "celeiros de craques". O que interessa é Pelé, mais do que a máquina do Estado prestigiando a escola pública. Esse prestígio evidentemente dispensa qualquer ranço filantrópico, na base da carícia preferencial à "escola dos pobres". É ostensivo que esse não parece ser a intenção do Rei mas... Pelé

falou em grêmio como "organização de alunos" que vão ser incentivados a liderar a participação da escola nesses jogos. Bom sinal.

Há mais. Pelé falou também em "mudar a cabeça" de professores de Educação Física. É um caminho. Se o que for premiado na grande final desses jogos é aquela escola pública, aquela unidade escolar e não a individualidade de cada jogador se terá encontrado um modo de mostrar a todos os professores do ensino público que sua escola vale mais do que a idéia que faz dela a dona do crediário da loja da esquina. Nesse aspecto o envolvimento de uma "marca" de sucesso como Pelé é essencial para o projeto. As campanhas do tipo "Acorda Brasil, está na hora da escola" tem um odor característico que o povo reconhece de longe. Esses megaprojetos, (os de agora envolvem a palavra informática ou tele alguma coisa como a *mágica* do momento) tem feição política que já não enganam ninguém.

A imagem Pelé está distante de qualquer idéia do "parece mas não é". Desvinculada de mentiras a marca está ligada à idéia de eficiência. E mais que isso de regularidade nessa eficiência. Dispensada a briga de aritmética bizantina, em 1.363 partidas oficiais Pelé fez 1.281 gols. Ou seja, alcançou o objetivo do jogo em quase todos em que participou. Se Pelé envolver essa imagem com a combalida escola pública, esta só terá a ganhar. O brasileiro está cansado dos feitos da "estrela de

um só dia" e este, definitivamente, não se adapta ao símbolo Pelé. Esse mesmo brasileiro não coloca o filho na escola pública por que é a única alternativa; não é esse o sentido da nossa escolarização. Dados do pioneiro Sistema de Informações sobre Crianças e Adolescentes, feito com apoio do IBGE, mostram que nossa taxa de escolarização nas camadas de renda mais baixa (famílias com renda de um quarto de salário mínimo per capita) saltou de 61% em 81, para 72% em 89 e continua em escalada progressiva; ou seja escola — a possível, a pública — é opção, é escolha apesar da crise econômica.

É óbvio que falta um certo orgulho dessa escolarização possível. A marca Pelé pode fazer isso. A marca não tem histórico de mentiras e destas o ensino público está farto. O envolvimento do Rei com a escola de todos pode virar compromisso. Os jogos podem se transformar em fator de referência de uma qualidade perdida. Pelé sempre representou alternativa de modelo para a violência e para o conformismo destruidor que inegavelmente cercam o jovem da escola pública. Dependendo como tudo ocorrer, quem sabe não se encontrou um ponto em comum — em torno dos jogos e do envolvimento de Pelé neles — para uma autêntica campanha de defesa do ensino público?

■ Leonardo Trevisan é editorialista do Estado